

Para os bancos, Brasil quer negociar

por Paulo Sotero
de Nova York

Os representantes dos bancos credores da dívida externa brasileira reagiram com tranquilidade ao discurso pronunciado pelo presidente José Sarney nas Nações Unidas, na segunda-feira. Na interpretação de William R. Rhodes, executivo do Citibank e presidente do comitê de bancos que negociam com o Brasil, Sarney, em seu discurso, agradeceu os bancos pelo que estes têm feito pelo Brasil e reafirmou a postura de negociação do País na questão da dívida.

"Entendi que o Brasil quer negociar e não confrontar", afirmou Rhodes. Ele fez essas declarações ao sair do café da manhã realizado ontem na sede do Council of Foreign Relations, durante o qual ouviu o presidente reafirmar alguns pontos de sua fala na ONU.

Com outras palavras e indo um pouco além em sua avaliação, um outro alto executivo de um banco nova-iorquino disse que não viu nenhuma novidade na posição anunciada por Sarney. "O discurso", disse ele, "foi feito mais para consumo interno no Brasil."

E parecida a opinião do economista William Cline, um especialista na questão da dívida da América Latina, do Instituto de Econo-

mia Internacional, um conceituado centro de pesquisas de Washington. Cline, que participou do almoço oferecido pelo presidente, ontem, no hotel Intercontinental, a um grupo de professores americanos estudiosos do Brasil, disse a este jornal que não via nada de novo na posição do Brasil. Cline ressaltou que se informou sobre o discurso de Sarney através dos ralos artigos que os grandes jornais americanos publicaram ontem a respeito — nenhum deles na primeira página.

A imprensa, de fato, de-

dicou pouco espaço a Sarney. Isso, em parte, é explicado pela coincidência do discurso do presidente Ronald Reagan sobre comércio. Mas o presidente brasileiro sofreu também a concorrência de seu colega peruano, Alan García. García afirmou que seu país abandonará o FMI caso as propostas peruanas de uma nova abordagem para a questão da dívida sejam ignoradas pelos países industrializados, que controlam a instituição, na reunião anual do Fundo e do Banco Mundial, no mês que vem, na Coreia.

O professor Riordan Roett, diretor do Programa da América Latina da Johns Hopkins University, de Washington, que também participou do almoço com Sarney, concorda com a apreciação de Cline, mas com uma nuance importante. "Sarney definiu os limites da negociação com o Fundo, ou seja, deixou claro que existe espaço para um acordo, mas que esse espaço é pequeno. Mas ele reafirmou que a posição do País é de negociação. Não fez como o Alan García, que fez uma declaração de guerra", opinou Roett.

O ex-secretário de Estado Henry Kissinger, que se sentou à mesa com Sarney no café da manhã, no Council of Foreign Relations, classificou o breve discurso que o presidente fez na ocasião de "sutil, muito inteligente e moderado". Kissinger, que recentemente propôs a elaboração de uma solução nas mesmas linhas do Plano Marshall para a questão da dívida da América Latina, aplaudiu a postura reafirmada por Sarney e manifestou-se, uma vez mais, favorável a uma "negociação política" da dívida.



William Rhodes